

Sayad diz que já há condições para acordo

O Brasil já lançou todas as condições necessárias para a renegociação de sua dívida externa e a solução para o impasse com os credores está ao alcance das mãos, podendo ocorrer a médio prazo. A opinião é do ex-ministro João Sayad, que se mostra otimista com as negociações da dívida, fator essencial, a seu ver, para as definições quanto ao déficit público e de uma política realista de crescimento da economia nacional. Para ele, enquanto não se resolver o problema da moratória, qualquer solução para o déficit público "será temporária".

Durante exposição para cerca de 500 empresários, no I Encontro Nacional de Concessionários Chevrolet, no Maksoud Plaza, Sayad, embora otimista, considerou a renegociação da dívida como "muito difícil". Por isso mesmo, acha que o bom encaminhamento do problema é a prova de fogo do Plano Bresser, cuja primeira etapa, segundo ele, "foi muito bem-sucedida". Agora, para o ex-ministro, "é preciso dizer aos trabalhadores quanto terão de aumento daqui pra frente". As etapas subseqüentes estão ligadas ao novo quadro político do País, a seu ver, à definição de crescimento econômico, ao déficit público e, principalmente, à dívida externa.

Para Sayad, a economia brasileira está numa situação inversa à da Alemanha após a I Guerra. "A Alemanha conseguia divisas para re-

construir o país e não para pagar sua dívida de guerra com a Inglaterra e a França. O Brasil consegue dólar para pagar os serviços da dívida, mas não consegue cobrar tributos realistas dos brasileiros", disse. Ele concorda com o ministro Bresser Pereira e diz que, apesar das queixas — "naturais num momento de recessão" — ainda há espaço para maiores impostos.

João Sayad identifica-se com o desenho geral do Plano Bresser que, para ele, contém todos os ingredientes necessários para ser bem-sucedido.

Não concorda que o atual plano provocou brusca queda no nível de salários e admite que houve maior distribuição de renda durante o Cruzado, embora ressalve não ter sido este o objetivo. Para ele, os salários podem ser fatores de pressão inflacionária se não houver aumento de produção por parte das indústrias. O ex-ministro prevê um crescimento da inflação, mas não vê o risco de uma crise como a ocorrida em junho do ano passado.

Numa autocrítica, o ex-ministro disse que o fracasso do Plano Cruzado se deu especialmente porque o governo não conseguiu conter a demanda agregada, além de não ter resolvido a questão da dívida e do déficit público. Mas, para Sayad, numa economia como a brasileira, não é possível o governo abrir mão do controle de preços e de divisas.